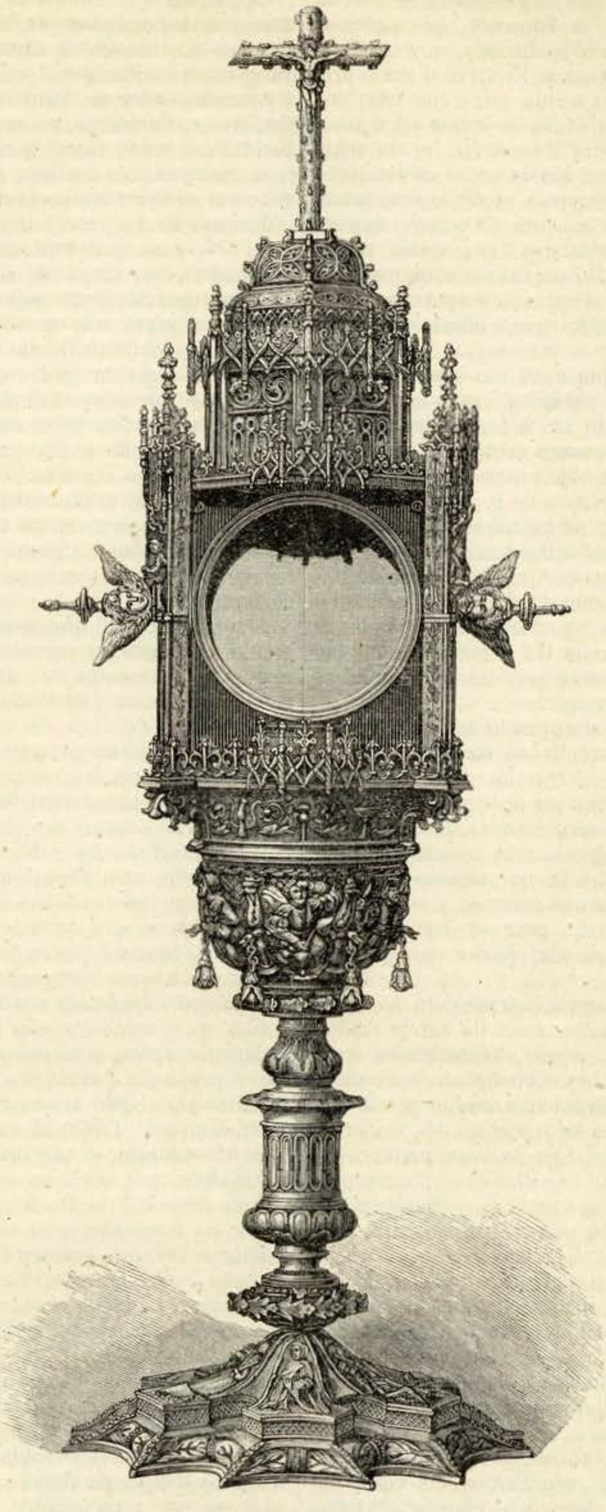


Custodia de prata doirada pertencente á sé de Evora

Esta custodia é uma das mais ricas peças do thesouro da sé eborense. Preciosa pela materia, notavel pelo feitio e valor artistico, não é menos apreciavel como objecto archeologico. Infelizmente, pelo que respeita a este ultimo titulo, acontece o mesmo que temos deplorado ácerca de muitas antiguidades patrias: ignora-se a sua origem, e tão desconhecidos são os nomes de quem a mandou fazer, e do ourives que a cinzelou, como a epocha em que foi fabricada.

Nem o padre Manuel Fialho na sua *Evora illustrada*, nem o seu compilador, o padre Francisco da Fonseca, na *Evora gloriosa*, dizem coisa alguma d'esta custodia, não obstante fazerem memoria de outros vasos sagrados nas vidas dos prelados d'aquella sé. Nem sequer uma singela tradição vem lançar alguma luz n'este mysterio, ou, pelo menos, servir de guia aos curiosos nas suas investigações.

É bem singular que se saiba por uma tradição po-

pular, passada de paes a filhos, que os mais antigos calices, que se guardam nos thesouros da collegiada de Nossa Senhora da Oliveira, em Guimarães, e da sé de Braga, pertenceram a S. Torquato, que padeceu martyrio no seculo VIII, e a S. Giraldo, que cingia a mitra primacial de Braga quando baptisou o nosso primeiro rei, no principio do seculo XII, e não haja noticia no proprio cabido de Evora de quem foi o doador de uma peça tal como a custodia, e em tempos muito posteriores. Se a consideração de reliquias santas, muito mais que o apreço archeologico, grangeou para os dois calices a honra de serem commemorados em tradições populares, a custodia merecia, certamente, da gratidão do cabido eborense uma commemoração, embora simples, escripta ou tradicional, do nome do bemfeitor que a offereceu áquella egreja.

Esta falta de noticias tem dado azo a variedade de opiniões, algumas d'ellas absurdas, como é a que attribue a custodia ao seculo XII. N'esse tempo achava-se entre nós em grande atrazo a esculptura em metal. Os vasos sagrados e outros objectos preciosos do culto, esculpidos em prata no reinado de D. Sancho I, e que se conservam no thesouro da casa real, no museu archeologico da academia das bellas artes e em algumas egrejas do nosso paiz, dão testimunho não só da imperfeição da ourivasaria, mas tambem da singeleza e da carencia de bom gosto na ornamentação. As obras d'essa epocha tem um cunho tão particular e que tão bem as caracterisa, que não é permittido confundil-as com as dos seculos posteriores.

Apenas o que consta de documento authentico é que a custodia já existia n'aquella sé em 1541, porque vem mencionada em um inventario que se guarda no cartorio, feito n'aquelle anno por ordem do cardeal infante D. Henrique, então arcebispo de Evora.

Na falta, pois, de documentos que resolvam a questão, ou de quaesquer noticias que possam, mais ou menos, esclarecel-a, é forçoso recorrer á analyse das feições artisticas da custodia para se determinar ou fazer um juizo aproximado da epocha em que esta peça foi feita.

Os ornatos da parte superior pertencem ao estilo gothico, e tanto se assimilham aos da egreja da Batalha, que bem poderiam passar, considerados separadamente do resto, por obra contemporanea d'aquelle famoso monumento. Porém a parte inferior revela manifestamente um trabalho de epocha mais moderna. Tanto o feitio como a ornamentação d'esta parte, desde a base da custodia até ao caixilho quadrangular, no centro do qual se colloca a hostia, apresentam um typo do estilo que, succedendo ao gothico puro, foi o ponto de transição para o do renascimento.

Ha n'esta parte um adorno que caracterisa mais particularmente a custodia, denunciando os fins do seculo XV ou os principios do XVI como a epocha precisa em que foi fabricada. Esse adorno consiste nas seis campainhas, que pendem e circundam o vaso que sustenta o referido caixilho com a sua cupula.

Em tempos muito remotos foi uso guarnecer certas vestimentas sacerdotaes com guisos ou campainhas. Este uso veiu da Judéa para a Europa. As vestes talares do summo pontifice dos judeus eram orladas com uma como franja de campainhas, a que chamavam *tintinnabula*.

Passados alguns seculos depois do nascimento de Jesus Christo, foi admittida aquella pratica na egreja catholica, em recordação da lei de Moysés, e como um emblema de alliança entre o novo e o velho testamento. Não se sabe com certeza a data da introducção de similhante uso; mas sim que existia no começo do seculo IX.

No thesouro da sé de Aix-la-Chapelle, na Prussia, guarda-se, em bom estado de conservação, uma capa rica, guarnecida de campainhas, a qual foi dada áquella sé pelo papa Leão III no anno de 801.

Guilherme o Conquistador, duque de Normandia, e mais tarde rei de Inglaterra, fallecido no anno de 1087, deu a Hugo, abbade de Cluny, uma capa egualmente franjada de campainhas.

Conrado, prior de Cantorbery, ou, como nós lhe chamâmos, Cantuaria, em Inglaterra, correndo o anno de 1108, mandou fazer, para uso da sua egreja, uma capa custosamente bordada e guarnecida com cento e quarenta campainhas de prata doirada.

Thomaz Becket, arcebispo de Cantorbery, fallecido em 1170, e ao qual tributâmos culto sob o nome de S. Thomaz, arcebispo de Cantuaria, usava de uma alva com guarnição de guisos. Esta vestimenta ainda hoje se conserva com grande recato, como uma apreciavel reliquia d'aquelle santo varão.

Poder-se-hia citar outros exemplos com que se demonstrasse que o uso das *tintinnabula* se generalisou a todos ou á maior parte dos paizes catholicos.

Presume-se que o fim para que se empregava similhante adorno era attrahir e conservar presa a attenção dos fieis ao sacerdote que celebrava a missa ou qualquer outra ceremonia religiosa. Por conseguinte, as campainhas ou guisos eram de metal, e dispostos de modo que tocassem ao menor movimento do celebrante.

Não sabemos até que tempo durou esta pratica. No seculo XIII ainda se guarneciam as capas de asperges e outras vestimentas de campainhas e guisos; mas, em vez de serem de metal, eram feitas de retroz ou seda frouxa, de obra de passamanaria. Reduzidos a um simples adorno commemorativo, em breve perderam essa propria feição, porque pouco a pouco lhes foram accrescentando enfeites, com que inteiramente desappareceu a fórma de campainhas e guisos, ficando em seu logar borlas e franjas, de passamanaria, de oiro ou seda, com muita variedade de feitios.

Um d'aquelles caprichos da moda, que a cada passo e em todos os tempos estão introduzindo innovações nas artes, fez com que os ourives, na segunda metade do seculo XV, se lembrassem de resuscitar o uso de *tintinnabula* applicado aos vasos sagrados.

Não se generalisou esta moda em todos os paizes catholicos, antes, pelo contrario, vemos que se limitou á peninsula iberica e a uma mui diminuta parte da Allemanha. Não temos certeza de qual foi o paiz onde começou. Pretende um auctor estrangeiro que fôra a peninsula, e que de Portugal passou este uso a Flandres, por occasião do consorcio da infanta D. Isabel, filha del-rei D. João I, com Filippe o Bom, duque de Borgonha.

Parece-nos sem fundamento esta opinião, pois que, se fosse verdadeira, deveriam existir em Portugal alguns vasos sagrados ornados com campainhas, feitos nos principios do reinado del-rei D. João I. Porém nenhuns conhecemos d'essa epocha com similhante ornamento, nem nos consta que existam no reino.

Todas as obras de ourivasaria religiosa, fabricadas n'este paiz durante a primeira metade do seculo XV, apresentam o mesmo estilo gothico puro que se observa no templo da Batalha. Por conseguinte, distinguem-se por uma perfeita harmonia entre todas as suas partes; qualidade que falta na custodia da sé de Evora.

Varias sés e outras egrejas do nosso paiz possuem vasos sagrados, principalmente calices, adornados com campainhas. Porém todos estão cinzelados conforme o estilo de architectura usado nos fins do seculo XV e principios do XVI.

Portanto, não cremos que fossem os flamengos que recebessem aquelle uso dos portuguezes. Achâmos mais provavel o contrario, sendo certo que existem na Belgica, que nós saibâmos, duas custodias de origem ger-

manica, feitas no tempo de Filippe o Bom, duque de Borgonha, uma ornada de campainhas e a outra enfeitada com guisos.

As razões expendidas tambem nos levam a suppor que, se esta moda nos veiu de Flandres, seria em tempos posteriores a Filippe o Bom. Não é preciso recorrer ao consorcio d'este soberano com uma infanta portugueza para explicar a introducção de qualquer uso, industria ou artefacto d'aquelle paiz em Portugal. Aquella alliança cimentou as relações commerciaes entre os dois paizes. Porém, muito ao diante, nos reinados de D. João II e de D. Manuel, é que essas relações tiveram o seu maior desenvolvimento.

A Lisboa affluiam então continuamente navios de todos os portos de Flandres, importando variadas mercadorias. Um dos principaes artigos d'essa importação consistia em tapeçarias e diversidade de alfaias para serviço e adorno de egrejas. Eram as fabricas de Liege que forneciam, quasi exclusivamente, de vestimentas e armações ricas as nossas cathedraes e os mais opulentos mosteiros. Ainda no começo do segundo quartel do seculo XVIII, quando el-rei D. João V quiz dotar a basilica de Mafra com armações e paramentos que condissessem com a sumptuosidade do edificio, recorreu ás fabricas da Belgica, e principalmente ás de Liege.

Póde-se admittir, portanto, e com plausibilidade, a supposição de que nos viesse de Flandres o uso de adornar os vasos sagrados com campainhas.

Consta-nos que os que a Hespanha possue com similhante genero de ornamentação datam da mesma epocha dos nossos.

Entendemos, por conseguinte, que o referido uso se introduziu em o nosso paiz no decurso do reinado de D. João II, e que não passou além da primeira metade do seculo XVI, pois que o mais moderno dos calices ornados de campainhas, que conhecemos, tem a data de 1530. O calice da collegiada de Nossa Senhora da Oliveira, em Guimarães, feito poucos annos depois, segundo o estilo architectonico em voga no reinado del-rei D. Manuel, já não tem campainhas [1].

De tudo o que temos expendido concluimos que a custodia da sé de Evora deve ter sido fabricada pelos annos de 1480 a 1490.

D. Affonso de Portugal, filho bastardo de D. Affonso, marquez de Valença, filho primogenito do primeiro duque de Bragança, foi nomeado bispo de Evora por el-rei D. João II, no anno de 1485. Este prelado foi muito liberal com a sua egreja, «a qual ornou (diz o padre Fonseca na *Evora gloriosa*) com magnificas obras e magestosas fabricas...»; pelo que é bem de suppor que fosse este o doador da custodia.

É de prata doirada esta peça. A esculptura mostra que a ourivasaria se aproximava do maior grau de perfeição a que chegou entre nós. A composição do desenho está longe de se poder classificar como obra de gosto aprimorado. Apesar de excluirmos a cruz, que, pelo seu feitio e desproporcionado tamanho, reputâmos um accrescentamento mais moderno, parece-nos esta custodia um pouco de fórmas massiças e pesadas. Em parte poderá desculpar este defeito ser destinada esta peça para um duplo serviço, pois que é ao mesmo tempo custodia e calice.

Ha na dita sé um vaso de prata lavrada, e com uma inscripção em latim, o qual se atarraxa no pé da custodia, ficando um bello calice. A inscripção é em letra gothica, e consiste em um versiculo que os sacerdotes recitam na missa.

Esta custodia foi levada á exposição de Paris do anno passado, juntamente com o baculo, cuja gravura publicámos a pag. 53, e com um calice de que havemos de tratar em occasião opportuna.

I. DE VILHENA BARBOSA.

[1] Vid. pag. 5 do vol. IV.

FRUCTOS DE VARIO SABOR

III

AS ROSEIRAS DO AMOR

(Vid. pag. 154)

V

TEMPESTADE

Sebastião Palmeiro era um habil piloto e um homem cauteloso. Já vimos como a nuvem lhe parecêra suspeita a tempo em que talvez tivessem podido ainda ganhar a terra; mas a ambição de Balthazar, e a d'elle tambem, fizeram com que se descuidassem de ser prudentes. Tanto os dois velhos como a tripulação eram homens de rija tempera, costumados todos, á excepção de Pedro, a luctar com os perigos constantes da sua profissão; por isso foi rapida a impressão que sentiram aos prenuncios da tormenta, e cada um correu para o logar que lhe era destinado como marinheiro.

Sebastião tomou o leme e gritou:

— Larga depressa, em quanto o vento não puxa mais forte!

As duas velas da lancha foram soltas n'um momento, e o barquinho caiu á banda, começando a agua a cantar-lhe na prôa, que se poz na terra.

Sebastião olhou para o sul e fez uma careta que equivalia a bater com um martello no coração dos companheiros.

— Duvido que lhe escapemos. Pega tudo nos remos, e é remar firme e sem grande movimento, para não fazer balanço que obrigue a bater o panno... Ao mesmo tempo vão pedindo á Senhora das Neves que nos acuda.

Todos obedeceram em silencio; mas, ao sentarem-se nos bancos, com os rostos voltados para a pôpa, viram o mar ferver ao longe, e a vaga, que se levantava já a grandes alturas, correr, bramindo sobre elles.

Pedro, que não tinha remo e ia agarrado ao mastro de prôa, disse ao pae:

— Lá vejo a casa do padrinho Sebastião.

Ainda se não via a terra, mas todos olharam, primeiro na direcção que o rapaz indicava, e depois para este.

— Endoideceu de medo! exclamou o pae. Tomem conta, não se deite elle ao mar!

Pedro continuava a olhar; e como se não tivesse ouvido o que disse Balthazar, accrescentou:

— A Mariquinhas está em pé no areial a olhar para cá...

Uma rajada de vento, batendo nas velas, mergulhou a borda da lancha, pondo esta quasi meia de agua.

— Misericordia! clamou a gente largando os remos.

— Alija! gritou Sebastião.

Peixe, redes, cantaros, cabos e fateixa, tudo se lançou n'um instante por cima da borda. Ao mesmo tempo Balthazar tentava esgotar a agua com um balde.

Pedro, na mesma posição, sorria, com os olhos fitos na direcção da terra. Era já sol posto, e a cerração crescia por todos os lados; principiava a chover, e o mar e o vento augmentavam de braveza.

O batel já não podia com as duas velas; metteu-se uma dentro. O uso dos remos tornou-se impossivel por causa do cavado do mar. A gente, agarrada aos bancos, orava, ora para si, ora com voz clamorosa e em côro, segundo o terror que lhe inspirava o aspecto da morte, mais ou menos proxima.

— Compadre Balthazar, disse Sebastião lentamente; a idéa dos seis congros foi uma tentação de Satanaz. Offendemos a Deus com a nossa ambição, e somos castigados. Jure-me que, se escapar, servirá de pae a minha filha e a casará com o meu afilhado, conforme tinhamos contratado.

— Juro-lh'o eu, meu padrinho; interrompeu o moço, chamado á vida real pela voz do coração.

Os dois velhos tiveram desejos de se abraçar e de abraçar Pedro; mas, não lh'o permittindo a situação em que se achavam, contentaram-se com chorar em silencio.

VI

O REFUGIO

A noite avançava terrivel e assustadora. Por maior infelicidade, o vento rondára mais para a terra, fixando-se no quadrante do sueste, e desviando a lancha do rumo verdadeiro, sem que ninguem désse por isso. Com a prôa que levavam iriam infallivelmente espedaçar-se nos rochedos chamados *Cavallos de Fão*, se alguma onda maior os não submergisse primeiro.

Pedro, que saíra do extasis em que estivera tanto tempo para jurar que desposaria aquella que amava, ia maravilhado por não descobrir a terra, pois lhe parecia que a tinha tido sempre á vista. Não cessava de vigiar o horisonte, e, apesar de ser a primeira vez que fôra ao largo, era talvez o mais tranquillo dos tripulantes, e o que menos pensava em morrer. Quem é que se lembra da morte, mesmo quando a vê perto, sabendo que tem quinze annos e que ama uma mulher formosa?

Repentinamente afigurou-se ao mancebo que via alguma coisa a distancia. Poz-se em pé, abraçado com o mastro, e, depois de se haver affirmado, bradou:

— Navio por sotavento!

— Aonde?

Foi a pergunta de todos; e ao mesmo tempo olhavam para o ponto que lhes mostrava o rapaz com o dedo. Viram e crearam alma nova. Era um raio de esperança. Mas o navio corria com o tempo e estava muito distante da lancha; apesar de levar as gaveas nos segundos rizes, haveria porventura a probabilidade de o alcançar um fragil e pequeno barquinho, ameaçado continuamente de ser engulido pelas ondas que brincavam com elle?

Tal foi a interrogação que fez a si mesmo cada pescador, e todos reconheceram que era impossivel conseguil-o.

Felizmente, foram vistos; o navio, que era um grande brigue, atravessou immediatamente, fazendo-lhes signal para que arribassem; mas, notando logo as difficuldades com que elles luctavam, desfez a capa e orçou para os soccorrer.

Depois de grandes riscos e trabalhos, foram os pescadores içados todos para bordo do brigue, e a lancha rebocada, meia de agua.

O navio era inglez, e vinha fugindo á tempestade desde as alturas da barra do Porto, onde não podéra entrar. Em breve se reanimaram os animos dos pobres tripulantes da lancha; os marinheiros inglezes emprestaram-lhes roupa enxuta, e o capitão lavou-os por dentro e por fóra com excellente aguardente da Jamaica, mandando-lhes depois dar queijo e bolacha, em quanto o temporal não permittia accender-se o fogão.

Mesmo a bordo de tão grande navio a noite não se passou sem receios e incommodos, porque o mar era muito, e o vento fortissimo e de refegas. Ao amanhecer avistou-se a terra perto, e o vento deu um salto para o noroeste.

Em vista d'esta mudança, o commandante inglez, que demandava Vigo para refugiar-se, resolveu-se a virar de bordo e tentar novamente entrar no Porto.

Seriam duas para as tres horas da tarde quando o brigue passava em frente de Avelomar. Sebastião, que fallava um pouco inglez por ter sido já marinheiro em navios da Inglaterra, pediu um oculo para ver se avistava alguem nas praias, e notou que, effectivamente, por alli andava muita gente.

— Ó compadre, disse elle a Balthazar, desconfio que nos julgam mortos e que andam a procurar os nossos corpos pelas praias.

Balthazar desatou a chorar.

Pedro pegou no oculo, e, depois de um instante de observação, jurou que víra Maria ajoelhada sobre a areia.

Todos, cada um por sua vez, quizeram ver tambem, mas não reconheceram pessoa alguma.

O navio passava muito longe da costa, com receio de que o noroeste o impellisse sobre os cachopos de que ella é povoada; e por isso não era possivel reconhecer-se a gente que estivesse em terra. Todavia, Pedro não se tinha enganado; não porque visse realmente, mas porque adivinhára, ou antes víra com *a vista interior*, esse phenomeno que os sabios não explicaram ainda bem, nem explicarão jámais satisfatoriamente.

Quantas vezes pensâmos n'uma pessoa que não vemos ha muito tempo, e ella apparece-nos immediatamente?! Quantas, andando pelas ruas, vemos atravessar diante de nós um individuo que se nos afigura ser um amigo antigo, e, ao voltar a primeira esquina, topâmos com elle, com o verdadeiro, e não com o que de longe nos trouxe esta lembrança?! Estes mysterios da alma e da vida, esta relação do nosso pensamento e do nosso espirito com aquelles com quem sympathisâmos, quem os poderá decifrar? Será por acaso que encontrâmos os ausentes no instante mesmo em que estavamos pensando n'elles?

É a dupla vista, é o magnetismo, é não sei o quê, mas existe.

(Continúa) F. GOMES DE AMORIM.

O PAIZ DOS MENSA, EM A NUBIA

(Vid. pag. 149)

II

Ha muito poucos annos que a região situada a oeste do litoral do mar Vermelho, limitada ao sul pela Abyssinia, ao norte pelo territorio de Habab, e confinando pelo occidente com o paiz dos Bogos, começou a ser explorada pelos modernos viajantes.

Foram as interessantes descripções de Courval e de Munzinger que principalmente attrahiram a attenção para os Bogos, e trouxeram tambem á luz, por assim dizer, a tribu dos Mensa, povo irmão d'aquelle, por alliança e por analogia de costumes. A viagem do duque Ernesto de Saxe-Gotha, em 1862, e a sua estada em Keren, capital do paiz dos Bogos, avivou ainda mais o interesse que estas tribus já haviam despertado.

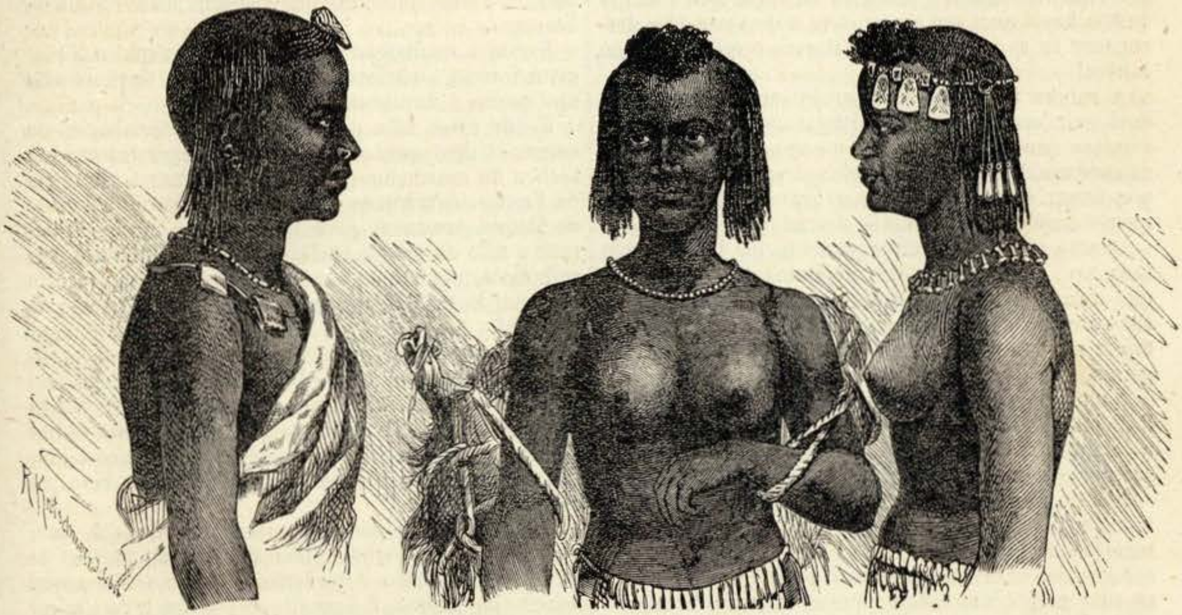
Sem resultado, certamente, buscariamos nas viagens dos portuguezes a descripção de tribus que só se estabeleceram e organisaram, nos territorios que hoje occupam, em epochas posteriores; mas o trabalho não será do mesmo modo baldado se procurarmos n'essas viagens o conhecimento puramente geographico do paiz que desejâmos conhecer, porque com satisfação veremos concordes, as mais das vezes, os antigos exploradores portuguezes e os viajantes que modernamente tem percorrido a Nubia e a Abyssinia. E diga-se em honra de alguns d'estes ultimos, que não é raro vermos por elles citadas as viagens dos portuguezes a esta parte da Africa, fazendo-se especialmente menção da de Francisco Alvares, uma das mais conhecidas de estrangeiros, pelas muitas traducções que do livro d'elle saíram em differentes linguas.

É sabido que Francisco Alvares, escolhido por D. Manuel para ir na embaixada que este rei mandou ao Preste João, e que partiu de Lisboa em abril de 1515,

desembarcou, depois de varios successos, em Massaouá, no mar Vermelho, seguindo depois, por terra, a encontrar-se com o famoso rei da Ethiopia, em cujo reino andou alguns annos, voltando depois a Portugal, onde chegou em 1527. Não admira, pois, que possa dar ajustada informação do paiz quem por muito tempo n'elle permaneceu; e cremos que não se estranhará, por isso, que recorrâmos ás informações que temos de casa, primeiro que consultemos as estranhas. E a viagem de Francisco Alvares vem tanto mais a proposito, quanto é certo que o roteiro da embaixada em que ia o capellão del-rei D. Manuel diverge apenas em algumas legoas d'aquelle que seguiu um notavel viajante moderno, o sr. Lejean, quando em 1864 percorreu a região de que nos occupâmos.

Eis como o illustrado auctor da *Verdadeira informaçam das terras de Preste João* nos descreve o paiz que atravessou ao entrar na Abyssinia:

«D'aqui nos partimos ao outro dia pela manhã, caminhando sempre por ribeiras sêccas, e de uma parte e da outra serranias mui altas e de grandes arvoredos de diversas nações e de fructo as demais, porque entre ellas ha algumas mui grandes arvores que dão um fructo que chamam tamarindos, como cachos de uvas, que entre os moiros são mui prezados, porque fazem d'elles vinagre, e vendem-n'os em seiras como passas de uvas. As ribeiras sêccas e caminho por onde iamos mostram mui altas ciscadas, que se fazem com trovoadas, e não impedem muito o caminhar, segundo nos disseram e nós depois em outros similhantes vimos, que tudo é desviar e aguardar duas horas a enchente da trovoada, e logo tornam a caminhar; e por mui grandes que estas ribeiras vão com estas aguas de trovoadas, tanto que saem d'entre as serras e chegam ás terras campinas, logo espraiam e se somem, e nem chegam ao mar; nem podêmos saber que rio



Typos femininos dos habitantes do paiz dos Mensa

nenhum de Ethiopia entre no mar Roxo, que todos assim fenecem, como são na terra chã e campina. N'estas montanhas e serranias ha muitas alimarias de diversas nações, leões, elephantes, tigres, onças, lobos, porcos, veados, antas, e de todas outras nações que dizer se possa do mundo, salvo duas que nunca vi nem ouvi dizer que as alli houvesse, e são ursos e coelhos. Aves de todas as nações que no mundo se possam dizer, assim de nós conhecidas, como não conhecidas, grandes e pequenas: e outras duas aves não vi nem ouvi dizer havel-as alli; estas são pêgas e cucos. E as demais das hervas d'estas montanhas é mangericão e de bom cheiro.»

Esta descripção é perfeitamente exacta. Nas viagens modernas encontram-se, a respeito da formação e desapparecimento das torrentes, n'esta parte da Africa, descripções bem similhantes á que acabâmos de ler em Francisco Alvares.

Os habitantes, já costumados a estes phenomenos, raras vezes se aterram ao ouvirem o mugido surdo, engrossado pelo echo das montanhas, que annuncia a aproximação de uma d'essas torrentes. Bem sabem elles que, na maior parte dos casos, a camada de areia que cobre o solo vae pouco a pouco bebendo as vagas que se precipitam das montanhas, e que em poucos minutos a torrente não é mais de que um fio de agua que corre ainda por algumas horas, e por fim desapparece tambem.

Por uma d'estas torrentes, contra a qual parece não soubera acautelar-se a tempo, foi ha annos alcançada uma divisão do exercito do famoso Theodoros da Abyssinia. A confusão foi geral, e muitos soldados foram envolvidos pelas ondas, sendo não pequeno o numero dos mortos.

A pobreza hydrographica d'esta parte da Africa é talvez a causa principal da pequena extensão de terras araveis que n'ella se encontram. Injustamente qualificam alguns viajantes de indolentes e estupidos os Mensa e outras tribus que povoam a Nubia, quando, pelo contrario, merece citar-se a actividade e intelligencia, de que dão testimunho, aproveitando, á custa de penosos trabalhos, os pequenos tractos de terreno que a natureza lhes permitte cultivar.

O paiz dos Mensa é constituido por elevadas cadeias de montanhas, que apenas se abrem estreitamente, n'um ou n'outro sitio, para darem passagem a algum rio, só engrossado momentaneamente pela trovoada. O mais pittoresco d'esses valles é aquelle onde corre o Lava, torrente sinuosa, entalada entre risonhas e encantadoras paizagens. D'este rio é affluente o Mensa, d'onde vem o nome aos habitantes.

(Continúa) T. de C.

D. CATHARINA DE BRAGANÇA

(Vid. pag. 118)

Fr. Domingos do Rosario regressou de Paris sem conseguir a resolução dos negocios para que fôra deputado, o dos soccorros e o do casamento.

Entretanto, o conde de Cominges, embaixador de França em Lisboa, proseguiu nas negociações, para o que tinha repetidas conferencias com os conselheiros que a rainha regente havia nomeado por seus commissarios. Eram o marquez de Nisa, os condes de Odemira e de Cantanhede, o secretario de estado Pedro Vieira da Silva e fr. Domingos do Rosario.

A principio mostrou-se o ministro de França inclinado ás propostas del-rei de Portugal; mas o cardeal Mazarino, que já a este tempo forjava o tratado dos Pyrenéos, para fazer a paz com a Hespanha em nosso detrimento, insistia em não reduzir o subsidio de dois milhões de escudos por anno, pagos em duas prestações, para assignar o pacto de alliança, que solicitavamos havia quatorze annos, sem nunca se poder descortinar se as instrucções de Mazarino eram veras ou burlas!

A rainha D. Luiza escreveu de seu punho ao cardeal, ponderando-lhe que Portugal não podia pagar as sommas que se lhe exigiam; e que os seus ministros, considerando o estado do reino, cercado por mar e por terra, acreditavam que a França não havia de querer impossibilital-o de se defender.

Quanto ao negocio do casamento da infanta com Luiz XIV, que era um dos capitulos das instrucções que trazia o conde de Cominges, eis o que consta da sua correspondencia, consultada pelo visconde de Santarem nos archivos do ministerio dos negocios estrangeiros, em Paris.

N'um despacho para o cardeal Mazarino, datado de 3 de julho de 1657, refere este embaixador que achára a infanta (D. Catharina) tão formosa, que julgava não ser obra de um homem, mas sim de Deus!

N'outro despacho, com data de 25 do referido mez, tambem para o cardeal, diz o conde que a infanta era mais bella que o retrato que se víra em França [1]; que era formosissima e magestosa. E passando a descrever as suas perfeições, conclue que se estivesse bem penteada e bem vestida (quereria dizer á moda de Paris? isto é, de caracoes e espeitorada, como então se usava), poucas bellezas da corte de França poderiam egualal-a [2]. E accrescentava que esta princeza era o amor e as delicias de todo o reino.

Em outro despacho de 28 de setembro do mesmo anno, escrevia Cominges a Mazarino, que a rainha de Portugal lhe havia promettido o retrato da infanta sua filha para madama de Cominges, e que o pintor Nocret [3] já o estava tirando, pelo que não seria difficil alcançar o *original* para França, sendo este o desejo de Portugal. E accrescentava que não haveria muito trabalho em obter a infanta, empregando n'este negocio fr. Domingos do Rosario, a fim d'elle alcançar o dote e fazer o tratado da liga, concluindo que era uma bellissima e amavel princeza, merecendo bem que o ceo lhe abrisse o caminho da França.

Acabado o retrato, ou fosse porque a corte de Portugal não acreditasse na realisação do casamento, por conhecer já a dobrez do cardeal, ou por outro motivo que nos é desconhecido, houve repugnancia em se dar o retrato da infanta ao embaixador; e foi tal, que se reuniu o conselho de estado para decidir se era da dignidade da coroa portugueza concedel-o. A final, com o pretexto de ser para madama de Cominges, concedeu-se; e tanto a rainha D. Luiza como a infanta estimaram muito que o pintor Nocret o tivesse executado com tanto primor [1].

O ministro de França que refere tudo isto, n'um despacho dirigido ao cardeal Mazarino, accrescenta que a infanta fôra retratada com penteado e vestido á franceza, e que madama de Cominges faria ver o retrato a suas magestades christianissimas.

Para nos desenganarmos de que o embaixador Cominges era um farcista que o cardeal Mazarino tinha encarregado de representar esta comedia do retrato, oiçamos o que diz mad. de Moteville nas *Memorias* que escreveu do reinado de Luiz XIV [2]: «Cominges, ministro de França em Portugal, quando se tratava do casamento do rei, enviou á rainha regente de França, D. Anna de Austria, um retrato da infanta D. Catharina, que a representava mui formosa, *com quanto ella o não fosse;* e depois me contou este ministro que a rainha de Portugal lhe offerecêra grandes sommas para elle conseguir que sua filha fosse rainha de França.»

É esta a explicação do empenho com que o diplomata francez endeusava a nossa infanta, devendo ella mui pouco á formosura.

E que fosse uma divindade, que importára, se ao mesmo tempo que o conde de Cominges tratava em Lisboa do casamento da infanta de Portugal com o rei de França, o marquez de Lionne fazia perante a corte de Madrid propostas para obter para o mesmo soberano a mão da infanta D. Maria Theresa, filha dos reis catholicos, assentindo, com esta clausula, em fazer a paz com Hespanha, desamparando de todo o reino de Portugal.

Tanto que D. Luiza de Gusmão soube d'esta perfidia do cardeal, mandou dizer por fr. Domingos do Rosario ao embaixador de França, que ella estava persuadida ser a sua demora em Lisboa, sem ultimar as negociações, um laço para atemorisar os castelhanos, cujo maior receio era o da alliança de Portugal com a França.

Cominges participou isto mesmo ao cardeal, que, longe de se escandalisar, teve ainda a impudencia de recorrer ao artificio de ordenar a este diplomata que regressasse a Paris, diligenciando por que a rainha regente de Portugal nomeasse um plenipotenciario que fosse em sua companhia, munido de poderes para concluir as negociações em França. Era evidentemente um novo effugio para elle ganhar tempo, em quanto adiantava os preliminares do tratado com os nossos inimigos.

Os ministros portuguezes, na perigosa conjuntura em que se viam, dissimularam ainda esta fraudulencia do velho cardeal, e nomearam para a nova embaixada o conde de Soure, dando-lhe por secretario o dr. Duarte Ribeiro de Macedo, eximio jurisconsulto e litterato, cujas obras andam hoje no catalogo dos nossos classicos.

Levava o conde instrucções para insistir no tratado de alliança; e que se não a conseguisse, como era de suppor, passasse a Londres e ajustasse então a liga com a Gran-Bretanha, que por vezes nol-a tinha offerecido.

Quando o conde de Soure chegou ao Havre de Grace, soube positivamente que se tratava do casamento de Luiz XIV com a infanta de Hespanha, e da paz com esta potencia, para o que se haviam assignado as tregoas.

Não obstante, seguiu para Paris. Mas em Ruão participou-lhe o nosso agente na corte de França que o cardeal Mazarino o advertíra de que devia entrar em Paris incognito, porque não era decoroso receber uma

1 Devia ser o que Mazarino encommendára a mr. de Jant, como já dissemos.

2 Os leitores julgarão da verdade com que fallava este diplomatico, á vista do retrato que publicámos no começo d'esta biographia, copiado do que vem nas *Memorias* do conde de Grammont, gravado do original que se conserva em Londres.

3 Pintor francez que então vivia em Lisboa.

1 *Quadro elem.*, tomo IV.

2 Tomo XXXIX da *Collec. Petitot.*

embaixada de Portugal na occasião em que ia desampararl-o pelos ajustes que fizera com Hespanha.

Desprezou o nosso embaixador este aviso, e entrou em Paris com grande pompa; foi recebido em audiencia publica por Luiz XIV, e depois pelo cardeal, que se desculpou de ajustar o casamento do rei com a infanta de Hespanha, por ser esse o desejo da rainha mãe, tia da noiva; e eguaes razões allegou para tratar da paz com exclusão de Portugal.

O nosso embaixador, além das allegações e queixas que fez ao cardeal, apresentou-lhe uma memoria, a que o cardeal respondeu verbalmente com evasivas proprias do seu caracter doloso e refolhado.

Por este tempo chegou a Paris o famoso marechal de Turenne, que sempre fôra dedicado a Portugal, e havia combatido victoriosamente os hespanhoes com o exercito francez. Era, além d'isto, admirador do conde de Soure, pela sua bravura como general das armas nas campanhas do Alemtejo.

Turenne conferenciou em segredo com o conde de Soure, procurou depois o cardeal, e intercedeu a nosso favor com a efficacia de que dão testimunho as memorias contemporaneas. Mas tudo foi baldado. Só conseguiu a permissão (que depois lhe foi contestada) de apontar ao embaixador portuguez os officiaes que julgasse aptos para servirem no exercito de Portugal, o que o marechal fez com o acerto e diligencia que tanto nos valeu.

Ainda por ultimo ludibrio, expediu Mazarino a Lisboa o marquez de Chouppes, com instrucções reservadas para a regente de Portugal.

Foi recebido em audiencia publica, e se lhe nomearam por conferentes o conde de Cantanhede, depois marquez de Marialva, o conde de Odemira, e o secretario de estado Pedro Vieira da Silva.

Era o assumpto da embaixada desculpar-se o cardeal de haver feito alliança com a corôa de Hespanha, offerecendo a protecção da França se D. Affonso VI quizesse abdicar, ficando com o titulo de rei do Brasil, e voltando Portugal ao estado em que se achava antes de 1640!

Os ministros portuguezes, ao ouvirem as propostas do cardeal, ficaram assombrados; e o marquez de Marialva, levantando-se indignado, exclamou: que se a nobreza e povo da cidade soubessem das proposições que se haviam lido, nenhum dos presentes, e mórmente o sr. enviado, estaria seguro n'aquelle logar. E saiu da sala do conselho.

A rainha mandou logo despedir o ministro francez, assegurando-lhe que Portugal manteria a sua independencia sem nunca mais importunar a França.

Em quanto isto se passava em Lisboa, o conde de Soure, vendo que Mazarino se dispunha a partir para os Pyreneos, a assignar a paz com o primeiro ministro de Hespanha, D. Luiz de Haro, mandou redigir pelo seu secretario de embaixada, Duarte Ribeiro de Macedo, um manifesto, que fez imprimir e divulgar na lingua franceza, e que se acha encorporado no volume das suas obras com o titulo de *Discurso politico, em que por 27 razões forçosissimas se mostra como França por justiça e conveniencia não devia fazer a paz sem inclusão de Portugal.*

Foi tal o abalo que este papel fez no publico e na diplomacia, que o cardeal o mandou prohibir, sendo preso o impressor, e ameaçado o nosso ministro por tal ousadia.

O cardeal saiu de Paris para a ilha dos Faisões, nos Pyreneos, onde assignou a paz e o contrato do casamento de Luiz XIV com a infanta de Hespanha, D. Maria Theresa.

O conde de Soure voltou a tratar com o marechal visconde de Turenne, que lhe obteve uma leva de 600 militares; e contratou o conde de Schomberg, general allemão ao serviço da França, para passar ao de Portugal, com o posto de mestre de campo general, e o soldo de 12:000 cruzados por anno, 800$000 réis para prato, e 4:000 cruzados para seus dois filhos, Frederico e Menhard, officiaes de cavallaria [1].

O conde de Soure regressou a Portugal nos navios em que vinha Schomberg com a tropa, os quaes lhe foram emprestados pelo rei de Inglaterra, onde o marechal foi embarcar, por lhe ser prohibido fazel-o em França.

Tal foi o desenlace das negociações com que o treitento cardeal nos embaiu durante quatro annos, trazendo-nos engodados pela promessa do casamento da infanta D. Catharina com Luiz XIV.

E não só Portugal foi logrado; outras nações caíram na mesma cilada, como é sabido. Parece-nos que Voltaire foi o primeiro que escreveu [2] ter planeado Julio Mazarino, desde as negociações de Munster, em 1648, a alliança das casas de França e Hespanha pelo casamento do rei; mas, como a côrte de Madrid repugnasse a este pacto, o cardeal, para a constranger, intentou cavillosamente diversas negociações nupciaes.

Depois de havermos escripto o capitulo publicado a pag. 118, percorrendo a *Historia de França*, de Larrey, auctor assás minucioso, e que presenciou os successos do tempo de Luiz XIV, achámos alli mencionada uma negociação desconhecida dos historiadores da dynastia de Bragança.

Diz Larrey [3] que em 1652 enviára a côrte de França á de Portugal mr. Le Cocq, propondo, em segredo, o casamento do rei com a infanta D. Catharina, sendo as condições assistir Portugal a el-rei de França com a somma de tres milhões de oiro, e vinte e quatro navios de guerra, para soccorrer Barcelona, que se tinha declarado pela França, e estava sitiada por D. João de Austria.

Nenhum outro escriptor, que conheçamos, falla de tal enviatura; mas como este é coevo, póde ser que o soubesse de boa origem. Fazemos esta menção apenas para auxiliar as conjecturas que fizemos sobre o ter provindo de França a proposta do casamento do rei com a infanta D. Catharina.

(Continúa) A. DA SILVA TULLIO.

A LUZ

E a luz resplandece nas trevas,
mas as trevas não a comprehenderam.
Evang. de S. João, I, 5.

A luz é a mais bella creação do Omnipotente.

Que seria o mundo sem luz? um montão de thesouros inuteis e de maravilhas perdidas, como as que se acham occultas nas entranhas da terra.

É com a luz que as fórmas apparecem, que as substancias tomam côr, e que a existencia do universo se revela.

Deus creou a luz em duas palavras: *Fiat lux*. «Que a luz seja e a luz foi, disse S. João; mas, accrescentou elle, as trevas não a comprehenderam.»

Isso não admira: as trevas não comprehendem a luz, ou não se apropriam á luz, como o frio não se adapta ao calor, como a morte se não accommoda á vida.

Ambas se repellem: onde uma existe, a outra não póde existir; quando uma nasce, a outra desapparece; e d'ahi vem o implacavel odio dos espiritos das trevas contra os espiritos da luz.

A presença da luz devia alegrar a natureza inteira. Não succede, porém, tal. Ha olhos a quem ella offusca, porque ha entes enfermos ou doentes que, logo que a luz apparece, fogem, dando gritos funebres; as-

[1] Hagner — *Vie du maréchal de Schomberg.*
[2] *Siècle de Louis XIV*, tomo I, cap. IV.
[3] Tomo II, 281. Ed. de 1724.

sim é o mocho quando o dia entreapparece no horisonte, e assim é o morcego quando um raio de sol entra no escondrijo onde foi procurar a continuação da noite.

A verdade é a luz da alma. Quer Deus que esta luz esclareça todo o mundo.

Chama-se luz, por extensão ou figuradamente, a tudo o que contribue para derramar a luz: o facho, o candelabro, a lampada, o simples rolo de cera, são luzes. E, com effeito, nenhum d'esses objectos serve senão para esclarecer ou allumiar.

Chama-se tambem luz, moralmente, aos espiritos que tem consumido a vida em diffundir a verdade, ou aos que tem fallado ou escripto ácerca de assumptos difficeis e obscuros, para os elucidar e commentar. Rousseau é uma luz do seculo XVIII; S. Thomaz de Aquino foi uma luz das escholas; Escobar foi uma luz dos jesuitas; Spinosa foi uma luz do seculo XVII; o padre Antonio Vieira póde-se tambem dizer que foi uma luz do pulpito sagrado.

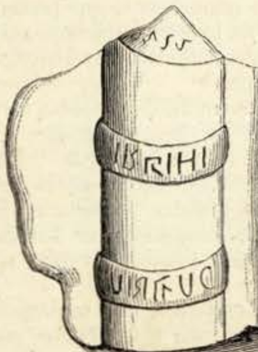
Os instrumentos que servem para propagar a luz podem servir egualmente para propagar o incendio. Taes são as fogueiras com que a inquisição soube esclarecer e incendiar a Hespanha pelo longuissimo espaço de tres seculos; e taes são os fachos que levavam nas caudas as trezentas rapozas que Sansão lançou nas vinhas dos philisteus.

O MUSEU DO BISPO DE BEJA

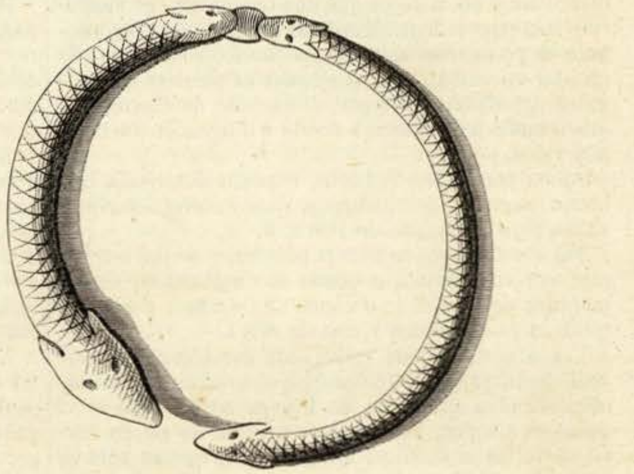
(Vid. pag. 108)

III

Os objectos que representa a gravura perderam-se, e só se conservam os seus desenhos e alguns esclarecimentos entre os manuscriptos do fundador da bibliotheca publica de Evora. Por isso em tudo o que dissermos nos reportaremos ao que encontrámos escripto, sem tomar a responsabilidade de qualquer opinião archeologicamente contestavel.



Fôrma de fundir anneis



Bracelete de bronze

O primeiro desenho é de uma fôrma de fundir anneis, com caracteres phenicios. Diz D. Fr. Manuel do Cenaculo que a descobriu na visinhança de Beja, e accrescenta que é de pedra *Nis*, da mesma contextura que a *Cota* (?). As letras pareceram-lhe phenicias, porém já declinadas e visinhas da edade grega.

Fr. José Lourenço do Valle, que se occupava muito de decifrar inscripções antigas, e ás vezes a mesma por modos inteiramente diversos, deu a seguinte versão da primeira serie de letras: «Ama a Deus e a fortuna te ajudará.»

E a segunda traduziu-a assim: «Muda-te, com decente abraço gerarás.»

A maior parte dos leitores fazemos-lhes a justiça de os não julgar mais conhecedores do phenicio do que nós, e por isso lhes poupâmos o enfado de verem aqui as inscripções completas, restituidas, decompostas e analysadas pelo pacientissimo frade.

Na bibliotheca de Evora guardam-se dois anneis de chumbo, fundidos na fôrma encontrada em Beja.

O bracelete de bronze appareceu n'uma sepultura da herdade do Raco, da freguezia do Cercal, duas legoas distante da foz e porto da Villa Nova de Mil Fontes.

A respeito do sitio em que se descobriu dá-nos o illustre prelado a seguinte informação, que publicâmos não só por importar á historia do bracelete, mas tambem como prova do empenho e diligencia com que o auctor dos *Cuidados litterarios* se dedicava aos estudos e indagações archeologicas:

«Pelas observações que fiz no espaço de mais de tres horas no exame do terreno do Raco, pareceu-me da mais remota antiguidade. O bom e honrado lavrador o capitão Simão dos Santos me facilitou quanto era necessario para o exame. Em uma área muito estendida se acha por quasi toda ella avultado numero de sepulturas, sendo especiaes as mais proximas a um copioso nascedio de agua corrente. Fiz abrir mais de dez sepulturas; todas ellas são de uma simplicidade notavel. Nos tôpos e lados do vivo das sepulturas se acha forrada a terra de lages tôscas, e as coberturas são de similhantes lages, das quaes a maior que medi tem seis palmos de comprido e tres de largo; as outras são pequenas e nenhuma d'ellas affeiçoada nem cortada; mas são pedaços mal juntos, nenhum artificio, nem uma letra. Raro osso apparece, porque os corpos estão absolutamente gastos, creio que tanto pela humidade como pelo tempo dilatado. Achei misturados na terra das sepulturas vasos de vidro quebrados e inteiros, e podem ser fiolas lacrymatorias; e mais se acharam ferramentas de serralharia e ferraria quasi a desfazerem-se. Encontraram-se pucaros, tijelas e bandejas, tudo de barro, e algum mui fino, e delicado o seu lavor. São linhas curtas e maiores, e muitos circulos fechados e pequenos.. Serão insignias dos enterrados ou de outro serviço relativo aos defuntos, os quaes vasos logo que se expõem ao sol ou ao vento se desfazem, tendo-os, porém, em sombra calada seccam bastantemente. Um annel de oiro muito delgado me consta haver-se alli descoberto, e o vi depois com um gravado até agora imperceptivel, e uma cadeia gargantilha de oiro tenuissima e alternada de grãos facetados de materia vidrenta parecidos com granadas.»

A. FILIPPE SIMÕES.

Lisboa — Typographia de Castro Irmão — Rua da Cruz de Pau, 31